

# **DESVENTURA EM MILHO VERDE**

**AUTOR: MARCELO DINIZ**

- *Deixo minhas roupas para Claudão. Deixo meus livros para Dudu. Deixo meu violão para ficar disponível no bar do Ubaldo para que todos os artistas que o dominam possam tocar. E para o Ubaldo eu vendo a minha maconha. O dinheiro deve ser repassado para minha irmã Cristina. Deixo meus discos para o DJ Cesinha. Deixo minha cama para minha mãe. Deixo meu computador, o que uso agora, para meus sobrinhos pesquisarem tudo na internet. Não pense que estou indo embora para sempre. Acontece que farei uma grande viagem e quando eu retornar, tudo isto estará ultrapassado ou envelhecido.*

E dessa maneira Molinha encerrou seu pequeno testamento. “*Dessa vez é pra valer*”. Pensou. Era polêmico porque quem visse de imediato, sem aviso de antemão, pensaria que ele se mataria. Ele mesmo imaginou sua mãe lendo este email “*Ai meu Deus, meu filho vai se matar! Salvem-no!*” e tendo um ataque neurótico. Mas foi esperto e programou no *Outlook* para que um email fosse enviado no dia de sua partida, “*Quando eles abrirem o email, eu já estarei longe. Dessa maneira não ouvirei lamúrias*”. Precisamente depois de ter embarcado. O anúncio de sua viagem seria dessa maneira. Não se sabe a razão desse isolamento. Pudera algum amigo indagar suas suspeitas, ao passo que dias atrás Molinha havia se queixado de muitas cobranças em mesas de boteco. Alguns credores indiscretos andavam denegrindo-o. Mas ele fingia que nem os conhecia. “*Esses malditos. Passam o mel na boca e depois metem o jiló. Se ao menos a boa nova pintasse.*”

Nesta mesma noite, após digitar seu email, Molinha arrumou a mala. Relativamente bem aparentado, de calça jeans, tênis, blusa e jaqueta. Acendeu um cigarro e ficou fumando sentado na cama. Como se esperasse alguém. No rádio uma frequência local anunciava que na praça, no centro da cidade, estava tendo um festival de música popular brasileira. Essa informação incomodou um pouco, visto que, para ter acesso ao aeroporto, ele deveria passar no centro da cidade. “*Isso deveria chamar Festival de Música Popular Arranhada. Tudo é a mesma coisa. Apesar de que a juventude não tem culpa de nada.*” Mas ele não queria ser visto e com certeza uma mudança de rota poderia subir o orçamento do táxi. Embora seu vôo fora marcado para daqui cinco horas, ele queria mesmo era ficar lá no aeroporto vendo os aviões pousando. Era seu hobby e desde criança a aviação lhe afagava a mente.

Tudo estava saindo como planejado e antes de se sentir seguro com relação à bagagem, deu mais uma passada no *check-list* “*Não posso esquecer de nada. Devo partir inteiro*” e num átimo percebeu que estava esquecendo o canivete suíço que ganhou no aeroporto de uma cliente que certa vez não pôde embarcar. Deu a ele de presente choramingando dizendo que era do filho. “*É sim, é sim, não me deixaram entrar com ele, tome, é seu.*” Molinha trabalha no aeroporto. Pra ser mais exato, numa cachaçaria. Um trabalho que ele muito aprecia e se delicia. É verdade que no início ele bebeu cachaça, mas como a loja prosperou, ele preferiu atuar sem o vício. Pelo menos não em horário de expediente porque sempre quando sai, a primeira coisa que faz é ir para o bar do Ubaldo tocar bateria. Molinha é baterista.

Após a última conferência, constatou que tudo estava pronto. Só lhe restava mesmo era esperar dar meia noite. *“Espero chegar em Milho Verde bem cedo.”* Esse foi o pensamento que lhe ocorreu ao ver uma barata. Ao contrário de muita gente, se considerava amigo dos animais e por isso seu corpo não conseguia matar.

Seu quarto era parecido com o de *Rhaskolnikov*. Bem pequeno. Molinha vive sozinho e não se alimenta em casa. Por tanto, aquilo era mais uma gaiola noturna. Um canto onde os sonhos atuam de olhos abertos. Seu paraíso do sertão. Onde por dentro se vive em um nicho laboratorial sonoro. Com o cheiro da noite úmida depois da tempestade. Sentar na cama e fumar olhando pro chão era seu momento de reflexão. Seus pés muitas vezes se enraizavam no taco do chão e não muito raro viravam troncos. Ele se via como uma árvore ambulante que se desgarrou em vida. *“Preciso urgente me livrar dessa cidade. Não que eu a odeie, mas é que estou perdendo o mundo.”* E assim se sentia na obrigação de passear pelo globo com espírito de *Che Guevara*. Molinha parece um pouco com *Che*. Apenas não usa barba.

O tempo estava ocioso e a espera nessas circunstâncias só nos faz crer que o tempo não existe. *“Nesses momentos só nos resta a internet, mas como eu não quero falar com ninguém, eu vou fumar”*. Acendeu outro cigarro, só que agora um mais favorável ao cérebro. Lançados dois tragos o apagou com um peteleco. Caminhou um pouco em círculo e se lançou em direção a janela. Junto com o vento, o zumbido grave do alvoroço lá na praça lhe tocava os ouvidos. E a voz estridente da apresentadora anunciava alguma banda. Olhou pra esquerda e viu a indústria de cimento soltar nuvens de fumaça. *“E eu ainda me preocupando com cigarro. Essa torre parece um índio dando sinal de fumaça.”*

Quando refletiu sobre a natureza escutou alguém bater na porta. *“Toc Toc Toc Toc”* Algum impaciente o pressionava. *“Que droga, esse cheiro pode levantar suspeitas”* pensou. Deu com o dedo no desodorante e sincronizando um falso espirro com o spray, fez um teatro finalizando a cena com o abrir da porta rangente.

- Pois não, boa tarde?!

- O senhor é Molinha? – perguntou um tipo baixo.

*“Esse cara me lembra Didi Mocó”* pensou isso enquanto segurava um riso.

- Sim, sou eu, em que posso ajuda-lo?

- Vim a pedido do senhor mesmo. Eu sou o motorista de Táxi. O Orley.

- O senhor sabe que pedi que viesse daqui duas horas, por que chegou tão cedo? – Molinha agora ficou confuso mas seu espírito de paz e de diplomata viajante prevaleceu. *“Pelo menos no meu pensamento posso xingá-lo de burro, imbecil, ingrato, mal educado. Verme, aff.. Que diabos está fazendo aqui mais cedo? Eu odeio visita surpresa.”*

- Senhor, sou sócio de uma cooperativa e de agora em diante o senhor será o meu último cliente. Eu vim saber, se me antecipando, eu lhe seria útil e assim lhe causar uma boa impressão.

*“Sim... você causou uma boa impressão. De palhaço seu estúpido e feio.”*

- Ah sim claro, que burro sou eu. Olha, eu mesmo, como o senhor pode ver, estou pronto para partir. Mas como o senhor chegou mais cedo, quero aproveitar para passar por outro caminho. O senhor sabe que está tendo um evento lá na praça? Eu não quero ser visto. E como o senhor está com horário disponível creio que não seria oportuno acrescentar, a esta nova rota, valores a mais do que combinamos por telefone.

- Não, não, não senhor. De forma alguma. Podemos passar por onde quiser, não lhe cobrarei a mais por isso. Bem, se precisar de ajuda estou aqui na porta.

*“Esse senhor até me parece gentil. Apesar de sua estatura engraçada, transparece confiança. Eu e minha mania de pré-julgamento. Dane-se. Se eu julgo a mim mesmo, por que não os outros?”*

Na saída da cidade dava para ver o centro. Quando o táxi subiu o viaduto, Molinha olhou para aquela fumaça de show banhada de holofotes e imaginou que ali seria o inferno. Apesar de ter boas lembranças daquela praça, sua alma agora parecia mais leve ao ver as estrelas e a luz do Festival numa mesma linha de pensamento, foco e luz. *“Eu não quero ficar aqui nem mais um minuto.”* Num relance, quando já precisava girar muito o pescoço para a direita, para que, mesmo odiando, pudesse ver o centro luminoso, teve a impressão de ter visto um *blackout*. *“Não, acho que foi uma árvore que se apresentou devido a mudança de ângulo por conta da curva. A luz não pode apagar. O email precisa sair”*. Este fato gerou uma grande angústia. Trouxe à tona um medo entristecedor. *“E se esse maldito email não sair? Ai sim terão razão de pensar que fui me matar. No entanto, eu não conseguirei ligar para saber após partir. O que posso fazer é ver se alguém responde. Mas, se o email não sair... O que me resta é esperar. Se eu receber respostas, ok.”*

Na chegada ao aeroporto, despediu-se de *Didi Mocó* e até lhe agradeceu com uma boa gorjeta.

- O que o senhor deseja? – Perguntou uma garçonete quando o viu sentado à espera.

Enquanto ela saía para buscar seu café, ele girou o pescoço à fim de estalar os ossos. *“As pessoas no aeroporto são lindas. Mesmos as feias. Tudo aqui é maravilhoso porque a novidade e a partida estão aqui. Embora tem sempre alguém voltando pra casa para nos mostrar que o barco é limitado. Esse é o maior cruzeiro que alguém pode fazer. O mundo. Um navio gigante. Uma verdadeira arca de noé.. (Senhor).. um cruzeiro como esse fora concedido gratuitamente...”*

- Senhor? – Cutucou-o a garçonete.

- Oh sim, me desculpe. Você me atrapalhou num pensamento.

- Desculpe-me, eu precisava servir o café, deseja mais alguma coisa?

*“Essa mulher não ama o emprego que tem. Poderia largar tudo e seguir comigo... mas posso ver. Ela tem tantos amores, de amigos, de parentes e tais e tal que dedica demais a todos eles. Será por interesse? Não. É amor mesmo”*.

- Quer viajar comigo para Milho Verde/Minas Gerais?